



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE D NORTE – UERN
FACULDADE DE LETRAS E ARTES – FALA
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV
CURSO LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

VITÓRIA GIRLIANNY MENDES DA SILVA

**REPRESENTAÇÕES DO DEVIR-MULHER-NEGRA EM “DUZU-
QUERENÇA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Mossoró
2021

VITÓRIA GIRLIANNY MENDES DA SILVA

**REPRESENTAÇÕES DO DEVIR-MULHER-NEGRA EM “DUZU-
QUERENÇA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Roniê Rodrigues da Silva

Mossoró
2021

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

M538r Mendes da Silva, Vitória Girlianny Representações do devir-mulher-negra em "DuzuQuerença", de Conceição Evaristo. / Vitória Girlianny Mendes da Silva. - Mossoró/RN, 2021. 30p.

Orientador(a): Prof. Dr. Roniê Rodrigues da Silva. Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas). 2. Literatura brasileira. 3. Conceição Evaristo. 4. Duzu-Querença. 5. Devir-mulher-negra. I. da Silva, Roniê Rodrigues. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

VITÓRIA GIRLIANNY MENDES DA SILVA

**REPRESENTAÇÕES DO DEVIR-MULHER-NEGRA EM “DUZU-
QUERENÇA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

Aprovada em ___/___/___.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Roniê Rodrigues da Silva - UERN
Orientador(a)

Prof. Dr. Marcos Vinicius Medeiros da Silva - UERN
Examinador(a)

Prof. Me. George Patrick do Nascimento - UERN
Examinador(a)

AGRADECIMENTOS

Agradecer, antes de tudo, ao Altíssimo, meu rochedo e minha força. Sem ele, eu não seria nada e não teria chegado até aqui.

Agradecer à minha Mãe Maria Santíssima. Poderosa intercessora e fiel escudeira.

A meu orientador, Prof. Dr. Roniê Rodrigues da Silva, que contribuiu com seus conhecimentos e conselhos, possibilitando o êxito da minha produção textual. Muito obrigada.

À Ana Remígio, professora da disciplina de Seminário de Monografia II, por todo apoio e conhecimento compartilhado.

Ao meu marido, por ser meu apoio nos dias difíceis, por sempre acreditar em mim. Amo-te.

À minha família, base de tudo. Amo vocês.

A todos os meus amigos.

A todos que, de algum modo, me ajudaram a chegar até aqui. Que Deus abençoe vocês.

RESUMO

A obra da escritora Conceição Evaristo representa a realidade de mulheres negras - historicamente marginalizadas pela sua condição de gênero, raça e origem social -, a partir de novos paradigmas, que lhes permitem, muitas vezes, transitar da condição de objetos a sujeitos da sua própria história. Do seu vasto acervo literário, destacamos nesse trabalho de conclusão de curso o livro de contos *Olhos d'água* (2014), uma obra que reúne 15 (quinze) narrativas nas quais se desenrolam as histórias de personagens marcados por uma condição de gênero e raça, abordando, sem meias palavras, a pobreza e violência física/psicológica que as acometem. De maneira específica, a leitura crítica se desenvolve a partir da análise do conto "Duzu-Querença". O objetivo é investigar como se delineia a representação de um devir-mulher-negra, a partir da comparação da trajetória da personagem Duzu e sua neta Querença. Entre os autores que nos auxiliarão no desenvolvimento de nossa investigação, de cunho essencialmente bibliográfico, podemos citar Dalcastagné (2012), Perrot (2008), Machado (2014), entre outros, os quais sustentarão, do ponto de vista crítico-teórico, as associações realizadas ao longo da monografia. Através da análise realizada, concluímos que o devir-mulher aparece representado no conto a partir do momento em que comparamos a trajetória sofrida e objetificada da avó Duzu com o futuro promissor de oportunidades da neta Querença, a qual aparece representada em condições diversas que lhe possibilitarão ser sujeito da sua própria vida.

Palavras-chave: Literatura Brasileira Contemporânea. Conceição Evaristo. Duzu-Querença. Devir-mulher-negra.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 CONCEIÇÃO EVARISTO: VIDA E OBRA.....	11
3 DE DUZU A QUERENÇA: A CONSTITUIÇÃO DO DEVIR-MULHER NEGRA.....	18
3.1 Os quereres de Querença.....	23
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	28

1 INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, o exercício da escrita literária foi realizado quase que exclusivamente pelos homens. Para que a mulher conseguisse seu espaço no mundo das artes e, em específico, no universo literário, foi preciso passar por um longo período de transformações, em que ocorreu muita luta e questionamentos a respeito, inclusive, de quem poderia escrever literatura. Associado a esse questionamento, emerge um outro que diz respeito à representação do sujeito feminino, quase sempre retratado, a partir do olhar masculino, como objeto e não como sujeito da sua própria história. Num caso e noutro, observa-se que essa exclusão das mulheres no meio literário estava relacionada a um preconceito mais abrangente, que as levou a encontrar inúmeras limitações para as suas ações e representações no meio social. Como resultado disso, observamos que historicamente, em lugar de fazerem parte da cena pública, “elas atuam em família, confinadas em casa, aí no que serve de casa. São invisíveis. Em muitas sociedades a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem”. (PERROT, 2008, p. 17).

Conforme destaca a estudiosa, as mulheres são consideradas indivíduos invisíveis pelo fato de serem totalmente dependentes dos pais ou dos maridos, tornando-se suas propriedades e sendo silenciadas por eles. Nessa condição, desde muito nova a mulher era ensinada a ser apenas a mãe ou a esposa perfeita; era educada a saber cozinhar, costurar e fazer todas as atividades domésticas. Quase sempre reconhecidas como sexo frágil, elas eram consideradas, ainda, como pouco inteligentes, sendo excluídas do meio social e proibidas de ter acesso à educação, “porque elas foram muito mais educadas do que instruídas por serem preparadas para o lar e a sua manutenção”. (PERROT, 2008, p. 27).

Essa visão limitada a respeito do sujeito feminino, advinda de uma sociedade patriarcal, se manteve durante muito tempo e só passou a sofrer alguma transformação diante das tantas lutas para mudar a visão sobre a mulher na sociedade. Nesse aspecto, o movimento feminista possuiu um papel fundamental em muitas conquistas adquiridas no decorrer dos tempos e até os dias atuais, quando ainda observamos muita desigualdade de gênero e quando o sexismo ainda é uma realidade, sobretudo para a mulher negra, sobre a representação da qual falaremos

de maneira mais específica no decorrer desse trabalho, a partir de uma leitura crítica da obra da escritora contemporânea Conceição Evaristo.

Antes, porém, ao retomarmos a história da luta das mulheres por independência no Brasil, destacamos como pioneira no feminismo brasileiro a republicana Nísia Floresta Brasileira Augusta, uma mulher que enfrentou os preconceitos da sociedade patriarcal brasileira, lutando pelo direito à igualdade e à educação para as mulheres. Ela “acreditava que as mulheres, desde os primórdios, sofreram arduamente preconceitos, mas deveriam lutar pelos seus ideais, e não serem sombras dos maridos”. (FLORESTA, 1989, p.13). Deveriam sair de uma condição marginalizada de cidadão oprimido e passar a exercer funções dignas e merecedoras de estima.

Antes e depois de Nísia Floresta, uma série de outras mulheres tomaram para si essa empreitada, por isso é importante hoje o crescimento das reflexões teóricas sobre o sujeito feminino, em específico daquele marcado por imbricações étnicas. Essas reflexões auxiliam na desconstrução dos preconceitos e estereótipos produzidos acerca da mulher negra, num país onde as diferenças de raça/etnia, gênero e classe social ainda servem para justificar comportamentos discriminatórios. A respeito da temática da discriminação de gênero, raça e classe social, a literatura, aparece, então, como um importante espaço para se problematizar a questão da representação da mulher na sociedade, sobretudo através de uma produção literária de autoria feminina.

Nesse sentido, antes impedida de se expressar, falar e escrever, a mulher encontra no meio literário um espaço de luta, uma forma de representação, um lugar para denunciar ou relatar as suas vivências pessoais e sociais. Conforme observa a estudiosa: “Hoje, cada vez mais, autores e críticos se movimentam na cena literária em busca de espaço – e de poder, o poder de falar com legitimidade ou de legitimar aquele que fala”. (DELCASTAGNÉ, 2012, p.13). Assim, mesmo que ainda haja preconceitos ou diferenças de oportunidades entre escritores homens e escritoras mulheres, agora elas reivindicam seu território, constituindo-se como vozes que não se calam, que lutam pelos seus direitos, que expressam suas vontades.

Considerando o exposto, e a necessidade de problematizar a obra de uma escritora que, contrariando a lógica de representações já fixadas na tradição literária, busca “reafirmar a legitimidade de sua própria construção” (DELCASTAGNÉ, 2012, p. 15), estudaremos no presente trabalho como se constitui a identificação do sujeito

mulher negra na obra da escritora Conceição Evaristo, especificamente na narrativa “Duzu- Querença”, presentes no livro de contos *Olhos d’água* (2014).

A escolha de Conceição Evaristo se justifica pelo fato de ela ser um exemplo de escritora que busca legitimar seu próprio espaço, através de uma literatura construída a partir de suas raízes negras, conforme requer o estudioso do tema: “Autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro. (RODRIGUES, 1987, p. 118-19).

A respeito dessa consciência étnica, Evaristo sempre soube quem era, atentando desde muito cedo para o fato de ser uma mulher negra, como afirmou numa entrevista no I Colóquio de Escritoras Mineiras, em 2009, na Faculdade de Letras da UFMG: “Impressionava-me desde pequena essa cor parda. Como seria essa tonalidade que me pertencia? Eu não atinava qual seria. Sabia sim, sempre soube que sou negra.”¹

De origem social extremamente humilde, a autora transforma o texto literário em lugar de enunciação marcado pela condição de ser uma mulher negra. Desse modo, seus escritos se tornam lugar de denúncia, de luta pela igualdade e direitos das mulheres negras, relatando histórias de desigualdades, preconceitos, explorações e vulnerabilidade enfrentadas por ela ou pelos que a cercam. Muitas dessas histórias são constituídas a partir das vivências da própria autora e nelas observamos uma transformação a partir da qual a mulher negra entra numa condição de devir, tornando-se sujeito e não mais objeto da própria história, divergindo das representações estigmatizadas existentes no meio literário e social: “As mulheres negras deixam, então, de serem objeto da representação de um outro para ser simultaneamente sujeito e objeto da escrita literária”. (PALMEIRA; SOUZA, 2008, p. 6).

A partir dessas primeiras considerações, demonstraremos nas partes seguintes dessa monografia como a literatura de Conceição Evaristo pode ser apreciada à parte de julgamentos preconceituosos, observando especificamente como a narrativa da autora representa posicionamentos de gênero, raça e classe

¹ Depoimento concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG e disponível em texto publicado no Portal Literafro da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em :<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicaoeveristo>. Acesso em: 04 de agosto 2021.

social, dando vez e voz a um grupo social historicamente silenciado e considerado marginal. Considerando os objetivos do trabalho, a monografia subdivide-se nas seguintes partes: a) um capítulo primeiro de introdução, equivalendo às considerações iniciais; b) um capítulo segundo, no qual vamos situar o leitor a respeito da vida e obra da autora Conceição Evaristo, abordando as temáticas e características de suas principais obras e, ao mesmo tempo, problematizando o conceito de “escrivência”, importante para a compreensão da literatura evaristiana e c) um capítulo terceiro, no bojo do qual será analisado o conto que embasa esta pesquisa, qual seja, “Duzu Querença”. Para o desenvolvimento das reflexões, recorreremos à leitura do seguinte referencial crítico e teórico: Bárbara Araújo Machado (2014), Palmeira e Souza (2008), Silva Lima (2007), entre outros.

No terceiro capítulo, por sua vez, analisaremos o conto “Duzu-Querença”, mostrando as representações de um devir-mulher negra, a partir de uma leitura comparativa entre a trajetória de vida das protagonistas Duzu e Querença, avó e neta, respectivamente. Veremos que o devir é, acima de tudo, transformação, um “vir a ser”, que aparecerá representado a partir de uma comparação entre a trajetória de vida da avó e a identificação da neta.

Por último, desenvolveremos um capítulo com as considerações finais.

2 CONCEIÇÃO EVARISTO: VIDA E OBRA

Dentre tantas mulheres que se destacam, na contemporaneidade, através da escrita do texto literário, damos ênfase nesse trabalho a Conceição Evaristo, uma importante autora brasileira de origem pobre e de etnia negra, que escreve os seus textos a partir da sua realidade, sua identidade de mulher, negra e brasileira. Nascida em Belo Horizonte, em 1946, a escritora nos apresenta uma produção literária relacionada à representação de um tipo específico de personagem marcado por imbricações de etnia e gênero.

Filha de Joana Josefina Evaristo e Aníbal Vitorino, seu padrasto ao qual ela considera como pai, Conceição vem de uma origem simples, sua mãe criou suas irmãs sozinha até a chegada de seu padrasto. Aos sete anos, Evaristo deixa a casa materna e vai morar com a tia, Maria Filomena da Silva, irmã mais velha de sua mãe, e o tio, Antônio João da Silva, que não tinham filhos. Em depoimento que ocorreu no I Colóquio de Escritoras Mineiras, em 2009, na Faculdade de Letras da UFMG, Conceição Evaristo refere-se a esse fato, explicando:

Aos sete anos, fui morar com a irmã mais velha de minha mãe, minha tia Maria Filomena da Silva. Ela era casada com Antônio João da Silva, o Tio Totó, viúvo de outros dois casamentos. Não tiveram filhos. Fui morar com eles, para que a minha mãe tivesse uma boca a menos para alimentar. Os dois passavam por menos necessidades, meu Tio Totó era pedreiro, e minha Tia Lia, lavadeira como minha mãe. A oportunidade que eu tive para estudar surgiu muito da condição de vida, um pouco melhor, que eu desfrutava em casa dessa tia. As minhas irmãs enfrentavam dificuldades maiores².

A compreensão do relato da autora será importante para o entendimento sobre a origem de seus textos tão marcantes, através das suas experiências como mulher negra e pobre, que precisou trabalhar de empregada doméstica desde criança, com 8 anos de idade, conciliando estudo e trabalho para ajudar no sustento do lar. Conceição aprendeu desde cedo a cuidar do outro, levando as crianças da vizinhança para a escola, trabalhando na função de empregada doméstica (muitas vezes na casa de professores) para ganhar aulas particulares ou livros que não podia adquirir com

² Depoimento concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG e disponível em texto publicado no Portal Literafro da Universidade Federal de Minas Gerais Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicaoeveristo>. Acesso em: 04 de agosto 2021.

recursos próprios. Outra forma de garantir o seu sustento era a partir da reutilização do lixo que os mais abastados descartavam.

Sua infância e adolescência foram marcadas pela pobreza, na favela do Pindura Saia, localizada na região centro-sul de Belo Horizonte. Por conta da origem social humilde, ela sempre estudou em escolas públicas e sentiu sensivelmente o preconceito por ser quem era no âmbito escolar, como a autora mesmo enfatiza ainda no depoimento que ocorreu no I Colóquio de Escritoras Mineiras, em 2009, na Faculdade de Letras da UFMG:

Foi em uma ambiência escolar marcada por práticas pedagógicas excelentes para uns, e nefastas para outros, que descobri com mais intensidade a nossa condição de negros e pobres. [...] O prédio era uma construção de dois andares. No andar superior, ficavam as classes dos mais adiantados, dos que recebiam medalhas, dos que não repetiam a série, dos que cantavam e dançavam nas festas e das meninas que coroavam Nossa Senhora. O ensino religioso era obrigatório e ali como na igreja os anjos eram loiros, sempre. Passei o curso primário, quase todo, desejando ser aluna de umas das salas do andar superior. Minhas irmãs, irmãos, todos os alunos pobres e eu sempre ficávamos alocados nas classes do porão do prédio. Porões da escola, porões dos navios.³

Conforme percebemos pela fala da escritora, as melhores oportunidades sempre foram destinadas às pessoas brancas, detentoras de melhores condições materiais. Assim, Conceição, as irmãs e outras crianças, provenientes da favela, estavam submetidas a humilhações e falta de oportunidades. A escola, lugar que deveria ser ponto de acolhimento, tornou-se para ela (e os seus) espaço de exclusão. Todavia, é oportuno destacar que esses obstáculos nunca a impediram de fazer o que mais gostava, pois sua vontade de estudar estava além de qualquer preconceito:

Eu, menina questionadora teimosa em me apresentar nos eventos escolares, nos concursos de leitura e redação, nos coros infantis, tudo sem ser convidada, incomodava vários professores, mas também conquistava a simpatia de muitos outros. (EVARISTO, 2009, p. 2).

Ainda que enfrentando dificuldades, foi no contexto escolar que Conceição ganhou seu primeiro prêmio de literatura aos 17 (dezessete) anos, vencendo o concurso de redação da escola. O título do seu texto foi: *Por que me orgulho de ser brasileira*. Depois, enquanto cursava os estudos secundários, almejando ser

³ Depoimento concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG e disponível em texto publicado no Portal Literafro da Universidade Federal de Minas Gerais Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicaoovaristo>. Acesso em: 04 de agosto 2021.

professora, trabalhava como babá e faxineira. Mas, de acordo com a pesquisa realizada no site de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, ao concluir o curso normal, Conceição Evaristo não conseguiu emprego em Belo Horizonte. Então, com a ajuda de amigos, se mudou para o Rio de Janeiro, dando início a sua formação acadêmica, em 1973. Depois de graduada em Letras pela UFRJ, trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital Fluminense. Sua estreia no meio literário aconteceu no ano de 1990, quando seis de seus poemas foram inclusos no volume 13 da coletânea *Cadernos Negros*, publicação literária que teve o intuito de unir a cultura e a escrita afro-brasileira.

Conciliando seu trabalho na docência e na produção de estudos teóricos, Conceição Evaristo tornou-se mestra em Literatura Brasileira pela PUC-Rio, em 1996, com uma dissertação em que abordou o tema *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996). Na sequência, fez o doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, com a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos*, na qual estuda as obras poéticas dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edmilson de Almeida Pereira em confronto com a do angolano Agostinho Neto.

Autora de poemas, contos e romances, alguns inclusive traduzidos para o inglês e o francês, Conceição Evaristo possui uma obra literária já algumas vezes premiada. O reconhecimento pode ser notado pelo fato de ter se tornado finalista do prêmio Jabuti em 2015, e ter sido agraciada, em 2018, com o Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais através das suas obras, tornando-se uma das mais importantes escritoras brasileiras da contemporaneidade.

Entre as suas principais obras é válido destacar *Ponciá Vicêncio*, pertencente ao gênero romance e publicado em Belo Horizonte pela Mazza Edições no ano de 2003. A narrativa do romance relata os problemas do dia a dia das mulheres afrodescendentes, obviamente sob um ponto de vista claramente feminino e a partir de uma perspectiva da identidade negra. Girando em torno da história da personagem principal Ponciá, da adolescência à vida adulta, o enredo representa o processo de negação de si, de sua identidade, demonstrando como ela ingressa num estado de medo, angústia e introspecção. A personagem perde o pai, ainda na adolescência, e permanece morando com a mãe e o irmão, até que decide ir para a cidade grande. Lá, vive nas ruas, depois trabalha como empregada doméstica, casa e passa por sete abortos.

A memória conduz toda a trama. Por meio das memórias individuais e coletivas, Ponciá revive o passado, evidencia os fatos e as circunstâncias históricas do povo negro brasileiro. Uma narrativa onde o passado e presente se imbricam, trazendo relatos da vida da personagem principal, a partir de flashbacks, desde sua infância até a idade adulta. Nesse romance, conforme observa a crítica:

A memória é o elo condutor da narração. Aqui nos referimos à memória individual e coletiva, pois quando Ponciá, personagem central da trama, revive o passado, pela lembrança, ela evidencia fatos, circunstâncias históricas do povo negro brasileiro. Da menina encantada e ao mesmo tempo amedrontada com o arco-íris / cobra / angorá, à mulher, desenraizada de seu tempo e lugar, a narrativa se desenvolve recheada de passagens líricas e acres, leves e fortes, conforme vai se delineando o perfil da personagem. (SOUSA E SILVA, 2017, p.1).

Ponciá simboliza o espaço e o tempo de uma história de exclusão que foi imposto ao povo afrodescendente brasileiro. Através de uma escrita tensa e densa de dizeres sofridos, vemos a história de uma mulher negra que migra do interior para a cidade grande em busca de uma vida melhor, mas chegando lá encontra muito preconceito e perda da sua identidade cultural. É voltando para seu lugar de origem que ela se reencontra.

Outra importante obra da escritora é *Becos da memória* (2006) publicada em Florianópolis pela Editora Mulheres, e pertencente ao gênero narrativo romance. Nessa narrativa, nos são apresentados relatos dos moradores de uma favela às vésperas de um desfavelamento. Os moradores estão sendo expulsos dos seus lares em troca de míseras quantias de dinheiro ou pedaços de madeiras velhas para construir em outro lugar, sem apoio ou perspectiva de melhoria de vida. Tudo isso sob o olhar da protagonista-narradora Maria Nova, que percorre os becos da favela, ouvindo histórias das famílias:

É neste espaço, nos becos sem nome e sem significação maior para os demais habitantes da cidade, que as histórias guardadas na memória de Maria-Nova percorrem o cotidiano de exclusão e miséria. O discurso da personagem mobiliza experiências, passa por traumas oriundos da escravização e recupera saberes resguardados na oralidade. Compõe assim uma narrativa entrelaçada por vozes afrodescendentes de diversas gerações, em cenários que vão do ambiente da lavoura aos “quartos de despejo” das grandes cidades. É por esta fala de menina – simultaneamente jovem e antiga – que Conceição Evaristo encena as origens e as consequências da desigualdade. (OLIVEIRA, 2017, p. 2).

Desse modo, percebemos que Maria Nova aborda essas histórias baseando-se em aspectos pessoais, sociais, religiosos e psicológicos, lembrando assim

peçoas, lugares e sensações que compõem a obra *Becos da memória*. Conceição não nos apresenta um enredo pronto, vamos compreendendo a história a partir dos relatos de vida, dos sentimentos profundos daqueles que enfrentam fome, desamparo e miséria em seu dia a dia, realidades que chegam a nos consternar, e que são representativas de mulheres negras que se expressam a partir de suas vozes, venturas e desventuras, e, sobretudo, de suas verdades.

Já o livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), pertencente ao gênero textual conto, é marcado, principalmente, pela “escrevivência” de Conceição Evaristo, uma escrita nascida da experiência de vida da própria autora. Nesse livro, ela nos relata as dores e desamores sofridos por treze mulheres na sociedade, como Shirley Paixão, que tentou matar o seu marido após ele agredir e abusar de uma de suas enteadas; Rose Dusreis, bailarina e dançarina negra, que enfrenta preconceitos para conseguir viver da dança; e Lia Gabriel, uma mulher que sofre de violência doméstica, é mãe de três filhos, sendo o mais novo diagnosticado com esquizofrenia, quando só tinha quatro anos de idade.

Elas todas são mulheres que carregam o fardo de suas insubmissas lágrimas diante da dura realidade que enfrentam por serem mulheres, negras, moradoras da periferia:

Ao relatar dores e alegrias simultâneas, as protagonistas rememoram descobertas da feminilidade e da maternidade, atos violentos contra seus corpos, reencontro com suas origens na infância ou na arte, ações permeadas por conflitos gerados em condições adversas da pobreza, do preconceito e do ser mulher e negra. Ao lado desses temas, a tentativa de preservação da memória é perceptível em uma narradora preocupada em ouvir e colher experiências a fim de registrá-las no texto escrito. (GODOY, 2015, on-line).

São dores de mulheres que sobreviveram, dia após dia, à violência doméstica, machismo, estupro, falta de reconhecimento, suicídio, racismo, e tantas outras coisas que tornam a vida tão difícil de suportar. Vivendo em situações de desigualdade e menosprezo manifestados em espaços dominados pelo racismo, elas sentem a necessidade de lutar e mudar o seu destino. Os depoimentos, marcados pelo sofrimento, dor e a melancolia, não só fazem parte da memória individual das mulheres negras, mas de várias outras que passam por isso no percurso terreno. O livro é, nesse sentido, mais um exemplo de retratos vivos das injustiças presente em nosso país.

Por fim, passamos a nos referir a outra grande obra de Conceição Evaristo, o livro de contos *Olhos d'água*, que escolhemos como nosso objeto de pesquisa. Reúne 15 textos que representam justamente as histórias de personagens marcados por uma condição de gênero e raça. Nas narrativas, a autora expõe o dia a dia de mulheres negras que vivem em meio a miséria e a exclusão social. Com 116 páginas, o livro comovente e intenso, nos leva há diversas reflexões sobre a nossa sociedade e a condição da mulher negra. A respeito do primeiro conto, produção que dá nome ao livro, David (2021, on-line) observa que “trata-se da história de alguém que, ao tentar lembrar da cor dos olhos de sua mãe, mergulha em sua própria história e deixa de ser apenas agente/filha para também ser agente/mãe, protetora e conhecedora de sua origem”.

É através do “mergulho” em suas origens que Conceição nos apresenta uma obra comovente e necessária, narrando histórias reais de mulheres que são exploradas, inseridas no mundo da violência, que enfrentam abusos físicos, psicológicos. Mulheres que sofrem preconceito principalmente por serem quem são: negras, pobres e desprestigiadas no meio social em que vivem.

As desigualdades sociais são o ponto central dos contos de *Olhos D'Água*. Nas situações que fazem parte do cotidiano – e nem por isso devem ser consideradas como banais -, como um assalto a um ônibus, a vida como pessoa moradora de rua, uma criança que se perde da sua família em meio a um tiroteio na favela, além de fome, miséria, desespero, desamparo. (DAVID, 2021, on-line).

É um texto livre de sentimentalismos, no qual a autora nos apresenta mulheres como: Maria, Ana Davenga, Natalina, Cida, Duzu, Querença e Luamanda. Sujeitos femininos que possuem idades e experiências diferentes, mas compartilham da mesma vida “sofrida”, repleta de altos e baixos e incertezas. São mães, filhas, avós, amantes, e mulheres, cada uma com suas cicatrizes causadas pela condição de ser afro-brasileiras. Muito mais do que relatar as desigualdades e violências, retratados a partir de histórias de pessoas marginalizadas, Conceição Evaristo nos mostra protagonistas que vão se transformando em sujeitos de suas próprias histórias.

Dentre os contos presentes em *Olhos d'água*, escolhemos para nosso objeto de estudo “Duzu-Querença”. Assim, a partir dessa narrativa selecionada para a análise, pretendemos mostrar como a escrita de Conceição Evaristo contribui para constituir uma nova história literária que traz à tona elementos normalmente apagados, esquecidos ou desprivilegiados por uma tradição falocêntrica e branca,

contestando identificações estereotipadas do sujeito afrodescendente pela noção de devir-mulher-negra. Isso porque “é importante participarmos da construção de nossa representação, [...] a representação tem um forte poder de perpetuar-se e influenciar a vida social dos grupos objetos da representação”. (PALMEIRA; SOUZA, 2008, p. 8).

É justamente por esse motivo que Conceição sempre lutou por direitos iguais. É uma luta de quem viveu na pele, em seu dia a dia, traços daquilo que escreve. Assim, nos textos da escritora estão presentes os marginalizados, negros e/ou pobres. Desse modo, as personagens representam em parte a história da sua vida. Representam as realidades de muitas mulheres da sociedade brasileira:

As poesias e os contos de Conceição Evaristo ampliam a temática sobre a mulher negra por meio de diferentes situações. Sua poesia abarca temas que focalizam a maternidade, a pobreza, a mineiridade, o telúrico, o amor, homenagens a amigos e outros. Os contos, em geral, trazem uma temática ligada à vida na favela, com seus dramas e tragédias. (LIMA, 2007, p.8).

Faz-se necessário ressaltar aqui que a escrita de autoria negra não só foi como ainda é marginalizada, mesmo com tantos avanços, com o acesso a oportunidades antes inexistentes. Ainda assim, o universo literário que envolve a escrita de mulheres, sobretudo negras, continua restrito:

[...] ser uma escritora negra brasileira de prestígio significa ser uma escritora negra brasileira, isto é, ocupar um lugar importante dentro de um campo que, por sua vez, está em uma posição subalterna no campo mais amplo da literatura brasileira. É sintomático, portanto, que Conceição tenha ainda que pagar por parte da edição de seus livros, como ocorreu com *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Essa situação revela o lugar de gueto que a literatura negra ainda ocupa dentro do campo editorial amplo, bem como a posição problemática da literatura negra em relação à literatura brasileira. (MACHADO, 2014, p. 260).

Os desafios ainda são muitos, mas agora vozes como a de Evaristo não se calam. A sua literatura rompe barreiras nacionais, através da luta por igualdades e direitos. Por isso, são cada vez mais importantes o estudo e a valorização dessas obras. Conceição Evaristo é a representação da militância negra e feminista, a partir dos seus posicionamentos e críticas em forma de poesia, de contos, crônicas e poemas. Desse modo, através das suas obras, ela problematiza a representação da mulher negra, relatando as experiências de vida de sujeitos vítimas da pobreza, violência e desigualdade social. Diante da importância e da necessidade de problematizar a identificação dessas mulheres, que por muitos anos viveram como invisíveis na sociedade, surgiu o tema desse trabalho, com o intuito de discutir a

história de personagens/indivíduos historicamente marginalizados, mas que, de alguma maneira, podem constituir suas identidades a partir de novos paradigmas.

3 DE DUZU A QUERENÇA: A CONSTITUIÇÃO DO DEVIR-MULHER NEGRA

Em *Olhos D'água*, Conceição Evaristo nos mostra a realidade adversa do cotidiano que muitas mulheres enfrentam, marcado pela violência física e psicológica, que acaba minando seus sonhos e comprometendo a sua autonomia de sujeito feminino. Trata-se de uma obra composta por quinze contos, desenvolvidos em menos de cem páginas, escritos de uma maneira sucinta e simples, mas carregada de sentidos. O conto que analisaremos é intitulado “Duzu-Querença”, cujo título faz alusão às protagonistas: a avó (Duzu) e a neta (Querença). Observando a estrutura do livro, vemos que a narrativa aparece como a terceira história da obra, depois dos contos “Olhos d’água” e “Ana Davenga”. O texto é narrado em terceira pessoa, assim o narrador não participa da trama nem como personagem principal, nem secundário.

A narrativa inicia com a personagem já velha, abandonada, suja, representada na porta de uma igreja em situação de mendicância. Na cena, observamos a mulher sendo retratada como um ser marginalizado, considerado inútil, tratado como objeto, o qual a sociedade exclui, olhando-o com asco e visível desprezo.

Duzu lambeu os dedos gordurosos de comida, aproveitando os últimos bagos de arroz que tinham ficado presos debaixo de suas unhas sujas. Um homem passou e olhou para a mendiga, com uma expressão de asco. Ela lhe devolveu um olhar de zombaria. O homem apressou o passo, temendo que ela se levantasse e viesse lhe atrapalhar o caminho. Duzu olhou no fundo da lata, encontrando apenas o espaço vazio. Insistiu ainda. Diversas vezes levou a mão lá dentro e retornou com um imaginário alimento que jogava prazerosamente à boca. Quando se fartou deste sonho, arrotou satisfeita, abandonando a lata na escadaria da igreja e caminhou até mais adiante, se afastando dos outros mendigos. Agachou-se quieta. (EVARISTO, 2014, p. 20).

A personagem nos é apresentada como uma miserável, que vive perambulando pelas ruas, fartando-se de alimentos imaginários, dependendo da boa vontade dos outros para sobreviver. Note-se, no entanto, que apesar das condições em que a personagem está inserida, ela não baixa a guarda, devolvendo com zombaria os olhares de desprezo que recebe todos os dias. Numa comparação dessa personagem com outras que aparecem na literatura de Conceição Evaristo,

observamos que Duzu é uma figura bem característica das narrativas evaristianas, constituindo-se como um retrato das vítimas das condições sociais que afligem boa parte da população brasileira, uma pessoa marginalizada, por sua identidade de gênero e étnico racial (mulher negra), mas sobretudo pelas condições sociais que a situam numa territorialidade marcada pela miserabilidade.

Após o relato de como Duzu se encontra depois de velha, o narrador, através de flashback, retoma o passado dela, contando a história da personagem a partir de quando ela chegou, ainda criança, na cidade grande, e aos poucos vamos compreendendo o porquê do seu atual estado. Ela nunca teve escolhas. Seu pai, um pescador sonhador, por não ter condições de criá-la e almejando dar-lhe uma vida melhor, resolveu doá-la a uma senhora que abrigava meninas, com o objetivo de que ela conseguisse estudar:

Era preciso também dar outra vida para a filha. Na cidade havia senhoras que empregavam meninas. Ela podia trabalhar e estudar. Duzu era caprichosa e tinha cabeça para leitura. Um dia sua filha seria pessoa de muito saber. E a menina tinha sorte. Já vinha no rumo certo. Uma senhora que havia arrumado trabalho para a filha de Zé Nogueira ia encontrar com eles na capital. (EVARISTO, 2016, p. 20)

Assim, os pais da menina ingenuamente a deixaram ir, na certeza de que essa era a melhor opção para dar uma vida decente à filha. Mas mal sabiam eles que aquele ato tiraria dela a infância, o direito de estudar e o de viver dignamente. A senhora era dona de uma casa de prostituição, onde Duzu trabalhava diuturnamente: “Duzu ficou na casa da tal senhora durante muitos anos. Era uma casa grande de muitos quartos [...] trabalhava muito. Ajudava na lavagem e na passagem da roupa. Era ela também quem fazia a limpeza dos quartos”. (EVARISTO, 2016, p. 20).

Conforme vamos percebendo pela leitura do conto, a trajetória de Duzu se assemelha a de tantas outras meninas negras, que sonham com um futuro de oportunidades (estudar e trabalhar dignamente), com uma vida diferente da que costumam suportar todos os dias, mas que muitas vezes são obrigadas a seguir outros caminhos, que as excluem da possibilidade de elas serem sujeitos de suas próprias histórias. No caso de Duzu, é como se ela não conseguisse escapar de uma violência que persiste de geração em geração, desde a origem social (escravista), que atinge, sobretudo, indivíduos que pertencem a grupos minoritários, marginalizados, como afirma o estudioso:

[...] a pessoa escravizada não tinha por garantia nenhum contrato. O seu corpo foi transformado em propriedade privada, e, como tal, poderia ser comprado e vendido como qualquer outra mercadoria. As relações formais jurídicas não protegiam essa população dos maus-tratos[...] (CORATO, 2020 p. 45)

A situação referida pela crítica fez parte da nossa formação nacional durante quase quatro séculos e se perpetua como herança em histórias semelhantes à de Duzu. Mesmo depois de passado muito tempo da abolição dos escravos, pessoas afrodescendentes ainda vivem em condições desumanas, injustas. Com Duzu não foi diferente. Ela acaba sendo explorada desde o momento que passou a servir de mão de obra barata, afastada da família, obrigada a trabalhar durante anos limpando quartos, migrando do sonho de um futuro melhor para a realidade de uma vida de trabalho excessivo e permeada de exploração físico-psicológica.

Além de submeter-se ao trabalho exaustivo, havia, na casa em que trabalhava, uma regra que Duzu deveria seguir: nunca poderia entrar nos quartos sem bater na porta. Mas um dia, esquecendo a recomendação, ela entrou e “viu várias vezes homens dormindo em cima das mulheres. Homens acordados em cima das mulheres. Homens mexendo em cima das mulheres. Homens trocando de lugar com as mulheres” (EVARISTO, 2016, p.21). Na inocência do sujeito infante, ela via as cenas de sexo e não entendia o que era aquilo que estava acontecendo. Até o dia em que, pela primeira vez, começaram os abusos de seu próprio corpo: “Teve um momento em que o homem chamou por ela. Vagarosamente ela foi se aproximando. Ele, em cima da mulher, com uma das mãos fazia carinho no rosto e nos seios da menina. Duzu tinha gosto e medo. Era estranho, mas era bom”. (EVARISTO, 2016, p. 21)

Entre o gosto e o medo, causados pelas novas experiências as quais a personagem Duzu, ingenuamente, experimenta, ela vai sendo violentada pelos clientes da pensão: “Um dia o homem estava deitado nu e sozinho. Pegou a menina e jogou na cama. Duzu não sabia ainda o ritmo do corpo, mas, rápida e instintivamente, aprendeu a dançar”. (EVARISTO, 2016, p. 21). Dessa maneira, a narrativa coloca diante do leitor uma personagem que é violentada por meio da coação, da insistência, inserida no mundo da pedofilia, da violência física, psicológica e da prostituição, tornando-se uma fonte de prazer para os seus clientes, e de lucro para a dona da pensão. A respeito da exploração sexual sofrida pela personagem, lembremos as palavras do estudioso para quem:

[...] a definição de exploração sexual pode ser entendida como a prática ilegal da conjunção carnal, mediante o emprego de violência, coação, e a obtenção de lucro ou vantagem, sendo que a maioria das vítimas são enganadas por consequência de sua pobreza e falta de conhecimento. (BRAGA, 2018, p. 4)

Diante da sua pobreza, extrema humildade e pouca instrução, Duzu se torna uma figura vulnerável, que acaba sendo estuprada e silenciada pela coação. Assim, a menina abandona a idade da infância e ingressa na vida adulta sem ao menos ter consciência disto. Para o estudioso:

O perfil desses menores induzidos e levados para essa vida de tortura e desprazer são meninos e meninas de classe econômica baixa (pobres), gênero e raça, de aspectos sociais e matérias que dificultam a vida deles no convívio social, a falta de inclusão em escolas e relação familiar leva esses pequenos a participar da vida adulta muito cedo [...] (BRAGA, 2018, p. 6).

Semelhante ao perfil mencionado por Braga (2018), Duzu é uma menina negra, de família pobre, sem nenhum apoio ou amparo, um ser marginalizado pela sociedade, sem estudos e totalmente dependente da dona da pensão para ter o que comer ou onde dormir. Nessa perspectiva, o seu destino já aparece traçado simplesmente por ser quem ela é, apenas lhe restando aguentar os abusos e explorações.

Considerando a história de Duzu, podemos afirmar que estamos inseridos em uma sociedade estruturada pelo racismo, onde o corpo da mulher, sobretudo a negra, é marcado pela objetificação desde a época escravocrata, período no qual as escravas não eram donas de si, pertenciam aos seus senhores, e eram tratadas como meros objetos de prazer. Para Linhares (2015, p. 3):

Levando em consideração o processo histórico, desde da escravização, é possível perceber que o corpo negro passou por vários processos de aprisionamento, dilaceramento, inferiorização e até mesmo de classificação, tudo isso de acordo com as vontades e interesses do “dono”.

O corpo da mulher negra foi construído entre o prazer e o trabalho, e com Duzu não é diferente. Sem escolhas, ela tem que servir aos seus “senhores”. Nesse caso, seus donos são seus clientes, e é a vontade deles que prevalece, já que ela está ali para servi-los, seu corpo era objeto: “A naturalização perpetrada por meio do racismo e do sexismo (também construídos e naturalizados por múltiplas práticas discursivas), de certa forma constituem a dimensão abjeta desses corpos negros”. (CANTO, 2009, p. 75).

Depois de muitos anos vivendo nessa situação, Duzu parte dali para outras zonas. E assim como a infância e adolescência marcadas pela violência, sua vida adulta torna-se igualmente cercada pela dor, tristeza e marginalização. Acabou se acostumando com tudo a que estava envolta: gritos das mulheres que apanhavam dos homens, sangue daquelas que eram brutalmente assassinadas, mando e desmando de cafetinas, pancadas dos cafetões: “Habitou-se a morte como uma forma de vida” (EVARISTO, 2016, p. 22). Mulher negra, sem estudos, vivendo nas favelas, aguentando os fardos de uma vida sofrida e cheia de dificuldades, ela acabou tendo muitos filhos, nove no total, e estes lhe deram muitos netos, os quais também não escaparam de um destino miserável.

Quando o narrador encerra o flashback e retoma a história de Duzu no tempo presente, quando ela já é uma idosa, alude à figura de três netos da velha, aos quais ela tinha um afeto maior: Angélico, Tático e Querença. Estes aparecem representados dentro de um contexto de faltas de oportunidades, de violência e de marginalização social, tão adverso quanto aquele que outrora acometeu a personagem da avó e que acaba sendo responsável por fazê-la experimentar uma nova dor: a perda do neto Tático, vítima da violência.

A partir desse fato, observamos um movimento no comportamento da personagem feminina, que investe numa espécie de fuga da realidade, pois “era preciso descobrir uma forma de ludibriar a dor. Pensando nisto, resolveu voltar ao morro” (EVARISTO, 2016, p. 22). E foi no lugar que criou seus filhos, que ela “deu de brincar de faz de conta”, para trilhar seus últimos dias. Duzu sentia-se como um pássaro, voando entre a cidade, o mar, o morro... entorpecendo a dor através dos seus delírios. Começou a recordar da época mais bonita, onde era lhe proibido sofrer:

Mesmo com toda dignidade ultrajada, mesmo que matassem os seus, mesmo com a fome cantando no estômago de todos, com o frio rachando a pele de muitos, com a doença comendo o corpo, com o desespero diante daquele viver-morrer, por maior que fosse a dor, era proibido o sofrer. Ela gostava deste tempo. Alegrava-se tanto! Era o carnaval. (EVARISTO, 2016 p.22)

O carnaval era para a personagem momento de encobrir a dor da perda, da fome, dos problemas e das doenças, por meio dos desfiles das escolas, das danças, dos papéis brilhantes. Enfim, era tempo de alegria mesmo para quem trazia tantas feridas em sua alma. Foi se imaginando desfilando fantasiada de baiana que a personagem foi fazendo sua passagem, agora finalmente ela iria descansar: “Duzu

deslizava em visões e sonhos por um misterioso e eterno caminho...” (EVARISTO, 2016, p. 23).

3.1 Os quereres de Querença

A segunda protagonista do conto, a neta Querença, aparece representada em condições tão difíceis como a de outras mulheres negras, nota-se, no entanto, desde o princípio da história da neta, uma trajetória de vida que de alguma maneira se diferencia da de seus antepassados. O narrador observa que descendo o morro, ela recordava da história de sua família, da brincadeira das asas que Duzu a ensinou, e agora estava ali, deitada nas escadas da igreja: “E foi no delírio da avó, na forma alucinada de seus últimos dias, que ela, Querença, haveria de sempre umedecer seus sonhos para que eles florescessem e se cumprissem vivos e reais” (EVARISTO, 2016, p. 23). A partir da história de vida de sua avó, e das recordações dos seus ancestrais, a menina Querença compreende que é necessário enveredar por outros caminhos, no intuito de conquistar o que a avó não conseguiu e ir alçar novos e altos voos.

Querença era como a promessa de dias melhores, por isso uma análise do próprio nome da personagem já remete a uma mudança de perspectiva. Ela é aquela que “quer”, que tem muitos sonhos, desejos, e, principalmente, oportunidades para colocá-los em prática, de fato realizando-os. Isso não significa que a vida dela seria perfeita, sem preconceitos ou dificuldades para enfrentar, mas agora ela tinha em suas mãos a chance que sua avó e seus antepassados não tiveram: sair de uma condição objetificada, para ser sujeito de sua própria história. Segundo Canto (2009, p. 77):

[...] o devir-“mulher negra” pode ser auxiliar na reflexão sobre as armadilhas transcendentais que aprisionam a(s) mulher(es) negra(s) em seu corpo e direciona sua luta a partir do passado. É preciso ir além, pois o passado não deve ser um valor intrínseco em si mesmo.

Conseguimos identificar o devir-mulher-negra na vida de Querença, a partir do momento que comparamos sua trajetória com a de sua vó. Enquanto Duzu teve uma vida sofrida, condicionada ao querer dos outros (seus pais, a dona da pensão e seus clientes), quando as suas vontades nunca prevaleciam, e os seus sonhos não se realizavam, em via oposta Querença tem a oportunidade de trilhar outros caminhos, de estudar e se envolver em atividades políticas na comunidade e na escola:

Era preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos. Não sabia ainda como. Estava estudando, ensinava as crianças menores da favela, participava do grupo de jovens da Associação de Moradores e do Grêmio da Escola. Intuíva que tudo era muito pouco. A luta devia ser maior ainda. Menina Querença tinha treze anos, como seu primo Tático que havia ido por aqueles dias. (EVARISTO, 2016, p. 23)

Querença representa a mulher negra que luta por suas causas e tem consciência dessa luta, com as marcas de valores morais e ideológicos de sua etnia. Ela tinha as oportunidades de um futuro melhor, e a oportunidade de encontrar novos caminhos, que a distanciavam de uma condição subjugada e identificação estereotipada, permitindo-lhe estudar, conquistar seus objetivos, ter um futuro melhor, numa perspectiva diferente daquela de sua avó ou do seu primo Tático. A neta tão querida representa a ligação entre o passado obscuro e opressor e um futuro que, por mais desafiador que seja, possui algo que seus antepassados não puderam usufruir: oportunidade.

É válido destacar que esse processo do devir-mulher negra que aparece representado na trajetória de Querença pode ser percebido no poema “Vozes-Mulheres”, de Conceição Evaristo, o qual, a partir de uma perspectiva de reconstrução da memória, retoma a trajetória de uma genealogia de mulheres negras, conforme podemos ler no próprio poema:

Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
 ecoa versos perplexos
 com rimas de sangue e fome.

A voz de minha filha
 recolhe todas as nossas vozes
 recolhe em si
 as vozes mudas caladas
 engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
 recolhe em si
 a fala e o ato.
 O ontem – o hoje – o agora.
 Na voz de minha filha
 se fará ouvir a ressonância
 O eco da vida-liberdade.

(“Poemas de recordação e outros movimentos”, p. 10-11).

Em tal poema, num primeiro plano, observando o contexto histórico no qual aparecem as primeiras mulheres, vemos que a voz da bisavó ecoou baixinho nos porões dos navios. Segundo, observamos que a voz da avó ecoou obediência aos brancos. Na terceira estrofe, constata-se que a voz da mãe já não está silenciada, pois em meio às roupas sujas dos brancos, “ecoou baixinho revolta”. Ainda que sejam apenas sussurros, a voz ganha agora um tom da consciência da exploração. É nas últimas estrofes da obra que a fala poética se impõe: “A minha voz ainda / ecoa versos perplexos / com rimas de sangue / e / fome”. E é na voz da filha que vemos a transformação acontecer, aludindo não apenas ao presente, mas ao porvir: “recolhe em si / a fala e o ato/ O ontem – o hoje – o agora/ Na voz de minha filha/ se fará ouvir a ressonância/ O eco da vida-liberdade”.

O devir é justamente isso, essa trajetória de gerações que desponta de um passado opressor à esperança de um futuro de oportunidades. Devir é a evolução, de sair de uma condição objetificada, para ser objeto de sua própria história. E assim como a personagem da filha, que propaga o eco da vida-liberdade no texto lírico, Querença é, no conto, a esperança de toda uma geração familiar, que através da luta por direitos iguais, da busca por espaço e oportunidade e, sobretudo, do estudo almejando um futuro melhor, recolhe todas as vozes, as que por muitos anos foram silenciadas, quando muito não passaram de lamento, de sussurros, mas que agora

ganham força, deixando de ser apenas sussurros, para se transformarem em atos concretos de resistência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura de Conceição Evaristo representa as condições que afligem as mulheres negras, indivíduos que vivem inseridos num contexto de subalternidade, mas que ao mesmo tempo conseguem dele se desprender a partir de um ato de resistência. E essa é uma característica presente não apenas nos escritos de Evaristo, mas da grande maioria dos autores afro-brasileiros contemporâneos, que lutam através da escrita, pela igualdade e valorização dos seus semelhantes.

É válido explicitar que a escritora não nega a desigualdade de gênero e raça, mas traz à tona elementos apagados por uma tradição, representando a mulher negra a partir de novos paradigmas, tal como corre no conto analisado neste trabalho, intitulado de “Duzu-Querença”, no qual fica perceptível que, ao longo de sua vida como mulher negra desprivilegiada, Duzu sofre os mais diferentes tipos de violência. Todos esses abusos, das mais diversas naturezas, influenciam preponderantemente no curso que sua vida toma, desde a impossibilidade de criar e educar os seus próprios filhos à miséria de uma velhice marcada pela mendicância.

Em meio a tantas injustiças, encontramos a esperança na neta Querença, a menina que tem em suas mãos a oportunidade de uma vida diferente, mesmo tendo que enfrentar muitas dificuldades na vida. Todavia, ela agora pode optar por se engajar em projetos escolares e/ou políticos, e, enfim, ter a autonomia de edificar sua própria história. Querença é devir, e devir é resistência independente da realidade inserida. É evolução, é a possibilidade de invenção de novas formas de identidade.

Devir-mulher é construir identificações para além daquelas socialmente impostas. E isso pode ser vislumbrado não só em “Duzu-Querença”, mas em outros contos presentes na obra *Olhos d'água*, tais como, “Quantos filhos Natalina teve?”, no qual a personagem provoca rupturas sociais ao não aceitar que a mulher tenha nascido para o exercício da maternidade; e “Lumanda”, no qual observamos uma mulher que quebra paradigmas ao decidir não ter um, mas vários amores que a completavam. Ou, ainda, no poema “Vozes-Mulheres”, onde vemos o devir ocorrer

quando comparamos a trajetória da bisavó silenciada nos porões dos navios, até a da neta que agora desfruta de liberdade para alcançar seus objetivos.

Diante de tudo o que foi exposto no transcorrer da pesquisa em destaque, concluímos que o estudo das obras de autoras como Conceição Evaristo são cada vez mais necessárias, uma vez que ainda vivemos em uma sociedade presa em conceitos dos séculos passados, onde a mulher não tinha voz ou vez, realidade que ganha contornos dramáticos quando se leva em consideração a realidade das mulheres negras, taxadas de incapazes, destinadas unicamente aos afazeres domésticos, inferiores aos homens, objetos de desejo ou de trabalho, sujeita aos mais vis preconceitos e pré-julgamentos.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, M. A. **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces** / Marcos Antônio Alexandre (org.). Belo Horizonte : Mazza Edições, 2007. 224 p. (ISBN 978-85-7160)
- BRAGA, N. P. **Exploração sexual de crianças e adolescentes e sua previsão no ordenamento jurídico brasileiro**. Anápolis, 2018.
- CANTO, V. S. do. **O devir “mulher negra” Subjetividade e resistência em tempos de crise do capitalismo**. Rio de Janeiro: Editora da PUC, p. 59-79, 2009.
- DALCASTAGNÉ, R. O lugar da fala. In: **Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais**. 2012, p.13-18.
- DAVID, B. Olhos D’Água: a sensibilidade em nos mostrar a dura realidade do mundo. **Delirium nerd**, 10 mar. 2021. Disponível em: <https://deliriumnerd.com/2021/03/10/olhos-dagua-conceicao-evaristo-resenha/>. Acesso em: 06 ago. 2021.
- EVARISTO, C. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011
- EVARISTO, C. **Olhos D’Água**. Ed. Cristina , Mariana- Rio de Janeiro, 2014.
- EVARISTO, C. **Becos da Memória**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.
- EVARISTO, C. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003. 132p.
- EVARISTO, C. 2008. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- FLORESTA, Nísia. **Direitos das mulheres e injustiça dos homens**. - 4º ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- GODOY, M. C. de. Recontando histórias em Insubmissas lágrimas de mulheres, de Conceição Evaristo. **Revista Z Cultural**, ano VIII, n. 2, 2015. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/recontando-historias-em-insubmissas-lagrmas-de-mulheres-de-conceicao-evaristo/>. Acesso em: 10 out. 2021.
- LIMA, O. S. **Conceição Evaristo: escritora negra comprometida etnograficamente** - Representações performáticas brasileiras, 2007.
- LINHARES, K. **O corpo da mulher negra: a dualidade entre o prazer e o trabalho** . UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste, 2015.

MACHADO, B. **“Escre(vivência)”**: a trajetória de **Conceição Evaristo**. *História Oral*, v. 17, n. 1, p. 243-265, jan./jun. 2014.

OLIVEIRA, M. A. Entre becos e memórias, Conceição Evaristo e o poder da ficção. **Literafro – o portal da literatura afro-brasileira**, Belo Horizonte, p. 1-3, 31 ago. 2017. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/arquivos/resenhas/prosa/ConceicaoEvaristo-BecosdaMemoria.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.

PALMEIRA, F. S. & SOUZA, F. S. **Representações de gênero e Afrodescendência na obra de Conceição Evaristo**- 2008 Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. Tradução Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 1.ed., 2008.

RODRIGUES, I. Entrevista de Luisa Lobo. In: _____. **Literatura negra contemporânea**. Estudos Afro-asiáticos, Rio de Janeiro, n. 14, p. 118-119, 1987.

SOUZA E SILVA, A de M. Ponciá Vicêncio, memórias do eu rasurado. **Literafro – o portal da literatura afro-brasileira**, Belo Horizonte, p. 1-8, 09 out. 2017. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/ConceicaoCr03AssuncaodeMaria.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.